



|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| <b>Ano</b>        | 2013   |
| <b>Local</b>      | Porto Alegre - RS  |
| <b>Título</b>     | O Bem Supremo em Aristóteles                                       |
| <b>Autor</b>      | FELIPE MORALLES E MORAES   |
| <b>Orientador</b> | RAPHAEL ZILLIG   |

**Resumo.** Nesse trabalho, desejo destrinchar o conceito de bem supremo em Aristóteles, o qual desempenha papel central tanto na sua filosofia moral, quanto política. Primeiramente, estribo-me na obra de William Hardie e na oposição encampada por Marco Zingano, para depois tomar posição própria. Na obra de Hardie, fornecem-se, a saber, balizas importantes à controvérsia. Hardie levanta, antes de tudo, a questão: quão longe vão as pessoas no planejamento de suas vidas? Para respondê-la, cinde a necessidade do homem de planejar sua vida, de um lado, e a necessidade, de outro, de atribuir a um objeto ou alvo específico a prevalência dentro do projeto de vida. Certamente não se contende, de um lado, sobre a inevitabilidade de atribuir prioridade a certos interesses em detrimento de outros, tão logo eles colidam. Ninguém se furta de, mesmo que ocasional ou veladamente, programar sua vida. De outro lado, soa questionável a necessidade, para isso, de filiar-se a um só interesse. Assim, chega Hardie ao discernimento do bem supremo de segunda ordem, como desejo pela satisfação ordenada e harmoniosa de desejos: um desejo de desejos segundo certa arquitetura de vida. Pelo contrário, os bens de primeira ordem seriam a plethora de desejos humanos que poderiam ser invocados para compor tal projeto. Em segundo lugar, depara-se Hardie com a questão: na medida em que planejam suas vidas, quão central ou dominante é o papel que os homens atribuem a um objeto único desejado, o dinheiro ou a fama ou a ciência? Dois caminhos viabilizam-se: ou de programar a vida guardando lugar para várias atividades dignas de valor, ou de programá-la reservando um lugar superior a certo tipo de atividade. O planejamento em favor, ao menos, dos objetivos mais importantes, sem excluir outros, compõe um bem supremo inclusivo. Ao contrário, o planejamento da vida em favor da satisfação de uma só paixão prevalente dá lugar a um bem supremo dominante, que exclui a busca de outros bens. O cabo de guerra entre as interpretações de Hardie e Zingano localiza-se na formulação, por Aristóteles, ou de um bem supremo de primeira ordem e dominante, como uma alternativa entre bens de igual nível, ou de segunda ordem e inclusivo, como uma harmonia constituída de vários bens. Diante da afirmação, em especial, de que o bem humano “prova-se como atividade da alma de acordo com a virtude, e de fato com a melhor e mais perfeita virtude, se há mais virtudes que uma” (*EN* 1098a15), lamenta Hardie a predisposição a uma arquitetura orientada a uma virtude dominante, notadamente, ao saber teórico. Enquanto isso, Zingano tenta compatibilizar a passagem com a interpretação do bem supremo inclusivo, porquanto se compreenda a virtude perfeita como uma maneira de ser das virtudes. A partir dessa discussão, pretendo esclarecer a compatibilidade dessas interpretações do conceito de bem supremo com a política de Aristóteles, no que diz respeito, em especial, à defesa por ele de certas instituições políticas.